ANO 9.º — Sexta-feira, 25 de Fevereiro de 1916 — NUMERO 410

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

—(*)—

Propriedade da Emprêsa

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

"O Democrata,,

—=(*)=—

Mais um ano

Este jornal entra hoje no seu 9.º ano de existencia, dizemo-lo com certo orgulho com a penna quasi que humida ainda das palavras que em 1915 escrevemos por esta ocasião.

E' que, como na época decorrida, encontramo-nos no mesmo ponto, firmes, inabalavelmente decididos a manter, nesta tribuna, a mesma defêsa encarniçada e rigida por todo o principio justo, por todo o acto honrado, por toda a razão moral!

Ligados a este programa, cumprido á risca, que nos tempos da propaganda e da luta nos trouxe o aplauso e o incitamento dos republicanos, como a perseguição e a calunia dos monarquicos; dizendo hoje o que diziamos então; batalhando na defêsa acrisolada e intensa da justiça, do direito e da razão, que uma nodoa vergonhosa, alastrando-se, assustadoramente ameaçava subverter; jogando a vida, a liberdade, o pão da familia, prontos sempre ao chamamento para o quér que fôsse, apezar de tudo, vêmos que neste momento para muitos dos que se dizem republicanos não agrada a nossa linha de conduta, ainda que ela seja inconfundivel e inalteravelmente a mesma que, nos tempos idos, a todos nos unia, animando-nos.

Mas porque estranhas razões tal sucede?

Pelo simples motivo de que para dentro do campo republicano, na hora do triunfo, se lançaram os seus mais encarniçados inimigos, os vís especuladores de todos os tempos e de todas as ocasiões, os miseraveis que mudam de ideias, de crenças e de principios, como qualquer cidadão muda de camisa!

Deixaram á porta a capa negra dos seus crimes, lavaram-se, exteriorisando o seu aceio, mas trouxeram o caracter corrompido e a alma suja, emporcalhada.

Tal mistura adulterou, confundiu, estragou!

Na fraqueza de uns, na ganancia de outros e no receio de muitos, encontrou essa gente o melhor campo da sua acção. Mas tal facto sucedeu sómente entre nós? Não. Reproduziu-se por toda a parte. E eis porque vemos todos os dias a liberdade apunhalada aqui, a moralidade ofendida gravemente ali, a justiça desrespeitada acolá!

Entre nós, desenrolando-se com uma simplicidade que aterra, presenceamos. com pequenos intervalos, vergonhosos escandalos que se conjugam harmonicamente com aqueles que nos tempos do regimen deposto nos arrancaram gritos de protesto e de revolta.

Mas o que era então para nós um triunfo e uma gloria, é hoje um defeito vulgar de mal dizer!

O que arrancava gestos e exclamações de entusiasmo e de aplausos—hoje é indisciplina e revolta!

O que fazia desabrochar o sorriso denunciador da satisfação causada pelo flagelo do nosso látego nos hombros apodrecidos dos bandos realengos, hoje produz contracções denunciadoras da reprovação pela parte dos novos soldados do regimen, que esperam atingir um posto de acésso, que nós... lhe não podemos nem sequer prometer!

E assim, assistindo a este triste espectaculo, que para nós se transforma, como então, num imenso suplicio, aqui continuâmos a gritar, a protestar, a revoltarmo-nos contra o que, se era crime na monarquia, o mesmo crime é dentro da Republica.

Pedimos o fim, o exterminio de essa podridão, desse monturo politico que uma corôa encimava e a sotaina acolitou. Continuaremos a pedir, a trabalhar para destruir as mesmas causas que estão produzindo os mesmos efeitos.

Não nos deixemos abater!
Desesperar é desertar!
Contemplemos o futuro!

Antes de atingir esse futuro sobrevirão as tempestades, que em todos os tempos a imoralidade, a injustiça e o desrespeito produziram. Não importa. Como o raio que fulmina, mas depura, elas trarão o verdadeiro imperio, o colossal triunfo da Republica por que trabalhámos e trabalhâmos, sobre o pedestal augusto em que a desejâmos vêr colocada. Republica depurada de falsos apostolos. Republica limpa de venenosos adeptos, de transfugas indignos, que conspurcam com o contacto e empestam com o halito.

Republica republicana, sem méscla, sem confecção aviltante, sem mistura pôdre.

Não basta a palavra Republica.

O que é preciso, absolutamente indispensavel é a realidade republicana, tal qual os homens de todos os partidos a mostraram á nação inteira.

Para esse fim, para esse objectivo, que—temos fé—será o *desideratum* inevitavel, do tremedal que nos avassala já, continuaremos no nosso posto, como até agora—decididos, firmes, intransigentes, ainda que isso pése aos que a propria honra, a dignidade e o caracter transformaram num esfregão.

A SINDICANCIA Á JUNTA DAS ARADAS

Continuâmos a pedi-la, sr. governador civil, tal qual as administrações republicanas teem feito depois de 5 de Outubro.

Ainda não ha muito estivéram com V. Ex.ª representantes da atual Junta das Aradas pedindo essa sindicancia e pedindo que fossem sindicadas as gerencias anteriores ao padre Pato.

Pois então agora essa sindicancia torna-se absolutamente precisa. Depois do que aqui temos revelado ácêrca das falsificações das contas daquela Junta, é preciso tomar resoluções.

O padre Pato tem de entrar nos cofres da Junta das Aradas com o dinheiro que de lá desviou. As responsabilidades querem-se averiguadas para que se faça justiça a quem de direito.

Vâmos, sr. governador civil, sem demora, uma sindicancia á Junta das Aradas!

Os navios alemães

—=*=—

Depois de ter sido discutida na imprensa de todas as matizes a posse dos 35 navios alemães e austriacos surtos no Tejo, desde o inicio da conflagração europêa, e quando já quasi se não falava no assunto, supondo-se que tal ideia tivesse sido posta de parte por complicações sugeridas, eis que inesperadamente o govêrno se apossa de todos os barcos após um decreto publicado em suplemento á folha oficial, guarnecendo-os com marinheiros da armada portuguêsa, e embandeirando-os com o pavilhão nacional e uma flamula de que os nossos oficiais, incumbidos da missão, eram portadores.

O presidente do ministério, entrevistado por um jornalista sobre o acto praticado, expressou-se nos seguintes termos:

— Como? Pergunta-me se tivémos qualquer negociação com a Alemanha? Não, não... O caso que acaba de passar-se foi consequencia logica do decreto publicado no suplemento do *Diario do Govêrno*. Fizémos o que fez a Italia e dando até mais garantia.

Usâmos dum direito. A requisição dos navios é determinada pelos interosses da economia nacional e foi devidamente notificada aos representantes dos armadores.

— Mas falava-se ha pouco na intervenção do consul da Alemanha...

— Sim, é natural que os consules dos países a que pertencem os navios queiram assistir aos inventarios que houverem de ser feitos nos termos do decreto a que aludi, de maneira que para o govêrno alemão, concluiu o sr. Afonso Costa, não tinhamos outra coisa mais a fazer além do que já fizemos: telegrafar ao nosso representante em Berlim, afim de que ele faça a devida comunicação ao govêrno germanico. E deixe-me acrescentar ainda: as coisas estão feitas por fórma que delas não poderá resultar qualquer dificuldade justa.

O' Virgem Nossa Senhora, o que os jornais desafectos ao govêrno e ás instituições agora vão escrever!...

O Democrata *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

JULGAMENTO

No tribunal da comarca de Arouca respondeu no dia 23 e ficou condenado, o sr. Agnelo Augusto Regala, a quem tinha sido movido processo por abuso de autoridade quando exercia as funções de administrador do concelho de Castélo de Paiva.

"Distrito de Aveiro,,

Intitula-se assim o novo jornal evolucionista que nésta cidade vai aparecer e de cuja redacção fazem parte alguns membros cotados desse partido.

O sr. governador civil ainda mantem, não obstante os poucos escrupulos que isso representa, o sr. Francisco da Encarnação nos logares de adminisirador do concelho e comissario de policia, que acumula com os de amanuense do governo civil e secretario da Estatistica. Ainda mantem e manterá porque, ao que parece, a fome do sr. Encarnação é devoradoura e para aqueles cargos não ha gente mais competente, nem mais republicana, nem mais democratica do que ele.

O republicanismo de barriga a isto nos conduziu.

SEMPRE RODILHÕES

A questão do "busto,, como a puzeram os piolhos da Vera-Cruz e agora aparece

Para ler e confrontar

Uma homenagem

«A Companhia dos caminhos de ferro portuguêses, que procede á ampliação do edificio da sua estação nesta cidade, trabalho a que nos temos referido por vezes, pelo desenvolvimento que leva e pela solidez e magnifico aspecto com que fica, resolveu ultimamente rematar os magnificos *paneaux* de azulejo com que vai ser guarnecido, com dois frontões no mesmo genero, ao centro dos quais, entre ornatos de brilhante efeito, ficarão os retratos de José Estevam e Manuel Firmino, a cujas memorias presta uma merecida homenagem.

José Estevam foi o tribuno e o patriota cujo luminoso cérebro faz o assombro dos homens do seu tempo. Manuel Firmino foi o benemerito aveirense cuja obra de engrandecimento se patenteia em todos os grandes melhoramentos da nossa terra. Louvar a resolução simpatica da direcção da Companhia pelo seu alto significado moral, é dever grato a que não faltamos.

Perpetuar a memoria dos que, sendo grandes pelo talento e pela energia, pela palavra e pela acção, pelas virtudes e pelas obras, nos legaram nome com que a terra portuguêsa se desvanece, é ter jus á consideração geral e á gratidão do bom povo desta cidade. Honrando os dois aveirenses ilustres, a Companhia portuguêsa presta uma homenagem com que éla exulta.

Ambos trazem os seus nomes ligados ao edificio que se está renovando.

A José Estevam deve-se o facto da linha ferrea passar em Aveiro, o que conseguiu côm supremo esforço; e a Manuel Firmino a abertura da primeira comunicação que a cidade teve com essa mesma linha, o que não fôra pequeno sacrificio, pois então, 1864, reduzidissima era a receita do municipio a que, como anos antes e depois, presidiu sempre com a maior inteireza e patriotismo.

Manuel Firmino foi quem, naquela qualidade, inaugurou a festiva passagem do primeiro comboio em Aveiro.

*

Os azulejos com que o edificio vai ser exteriormente decorado, são obra perfeitissima da Fabrica de Ceramica da Fonte Nova...

Tivémos já ocasião de vêr alguns, e não é favor dizer que eles hounram a industria nacional.

Da sua pintura estão encarregados os srs. Licinio Pinto e Francisco Luiz Pereira, que são dois consagrados artistas na sua especialidade.

Não se faz melhor lá fóra. **Os retratos são perfeitas ampliações de fotografias, e a semelhança é real.** Traços firmes, duma correção que se não excede e duma verdade flagrante. O desenho dos contornos, verdadeiramente admiravel, etc., etc., etc.»

(Do *Camaleão*, de 27 de novembro de 1915).

«Como se sabe, a Companhia dos Caminhos de Ferro resolveu colocar, em 2 grandes *panneaux*, na parede exterior da estação desta cidade, os retratos de José Estevam e de Manuel Firmino, homens que desveladamente concorreram para os progressos e desenvolvimento desta terra.

Levantou-se aí uma campanha no *Democrata*, contra a homenagem prestada á memoria de Manuel Firmino; e, ha dias, alguns diários noticiavam *constar* que taes retratos já não seriam colocados naquele logar.

Pois precisamente quando isto se lia, recebia o sr. Firmino de Vilhena, como representante de seu Pae, um pedido do engenheiro geral da mesma Companhia para que consentisse na colocação do referido *panneau*, pedido esse que obteve imediato deferimento. Essa homenagem, será, pois, um facto.»

(Dos *Sucessos*, de 19 de fevéreiro de 1916).

Rebatendo calunias e embustes

«Essa vergonhosa questão que para aí infamemente se levantou a proposito da colocação do retrato do saudoso conselheiro Manuel Firmino de Almeida Maia na estação do caminho de ferro, vai ter o seu epilogo. Em breve se verá prestada á memoria de Manuel Firmino o preito de homenagem a que o ilustre extinto tem direito, homenagem de que compartilha toda a cidade, todo o concelho e até todo o distrito, como se provará na altura devida, pois que tendo-nos propositadrmente afastado dessa discussão até que os factos venham provar de que lado está a opinião publica, dela trataremos como homenagem, embora simples, a esse homem a quem os sicarios tentaram arrancar da paz do tumulo.

Por agora limitamo-nos a quebrar os dentes á calunia de que a ilustre familia do saudoso extinto, tinha pedido a *alguem*, para que advogasse perante a companhia dos caminhos de ferro, a ideia da colocação do retrato na estação. Podemos garantir, á face de documento antentico, **que foi a Companhia que pediu** ao digno representante do homenageado, a autorisação para a colocação do referido busto.

Esta verdade irrefutavel, justifiea duma maneira clara e definida, que a homenagem prestada pela Companhia ao saudoso Manuel Firmino, foi baseada na justiça, no seu muito amor á cidade de Aveiro, por que tanto trabalhou, e que a companhia traduziu ordenando a colocação do seu busto depois de ter a aquiescencia da ilustre familia do homenageado representada no seu filho, nosso querido e presado amigo Firmino de Vilhena.

O documento comprovativo a que nos referimos, será em tempo dado á publicidade.»

(Do *orgão dos taberneiros*, de 20 de fevereiro de 1916).

Lêram? E então não é interessante o que á roda dos *bustos* da estação se está passando?

A 27 de novembro de 1915 dizia o *Camaleão* haver a Direcção da Companhia dos Caminhos de Ferro resolvido *rematar os magnificos* panneaux *de azulejo com que vai ser guarnecido o edificio da estação, com dois frontões no mesmo género, ao centro dos quais, entre ornatos de brilhante efeito, ficarão os retratos de José Estevam e Manuel Firmino, a cujas memorias presta uma merecida homenagem.* Esses retratos viu-os nêssa altura já o trapalhão das provincias, que deles nos disse serem *perfeitas ampliações de fotografias, e a semelhança real*, prova de que estavam prontos, antes da formalidade da autorisação que agora surgiu. Hoje, porém, escreve-se com o maior desplante *que foi a Companhia que pediu ao digno reprrsentante do homenageado, a autorisação para a colocação do referido busto*, promete se até a exibição dum documento autentico nesse sentido, o que tudo ponderado nos leva a concluir que afinal de contas isto dos retratos redundou numa grande farça mais ignobil ainda do que quantas teem sido postas em scêna pela familia do extinto regedor de Avanca.

Mas o que é que os piolhos teem feito toda a vida? A trapaça, o embuste, o dolo, foram sempre a sua arma predilecta quando os apanham em flagrante contradição ou a cometer algum crime e de aí o comico espectaculo a que estamos assistindo, em que até a direcção da Companhia dos Caminhos de Ferro distribuiram o triste papel duma vergonhosa dependencia!

Procurem á vontade. Porém, dificilmente encontrarão tipos éguais a estes ou que, por semelhança, com eles se possam confundir.

Não ha. Aveiro póde tirar previlegio porque *Bichêsa*, *Flautas* e *Pilécas* constituem uma trempe unica em todo o orbe terraqueo.

De tudo são capazes, para tudo teem bôjo e por isso todo o mundo é seu. Só o que eles não conseguem é empalmar-nos, fazendo com que acreditêmos nas suas mentiras.

Os cinicos! Os refinadissimos hipocritas!

Um erro gravissimo

—=(*)=—

Plantações de vinhas

O nosso lavrador, na generalidade, é ignorantissimo. Apegado á rotina; não aprendendo, ou por não ter quem o ensine, ou porque, na fé supersticiosa de que os *antigos* eram uns grandes sabios, entende que quanto eles lhe transmitiram é perfeito; não lendo, ou por não saber lêr, ou porque, como bom português, é pouco dado a leituras; vivendo ainda num estado mental pouco distante do dos *servos da gleba* medievais, o nosso lavrador perpetra, por vezes, erros de tal torno, que, se não fôssem os perigos que deles advem á economia nacional, faziam rir, tão infantis eles são.

Um desses erros, e dos mais crassos, é a plantação de novas vinhas.

Como é sabido, os vinhos portuguêses teem agora uma grande procura.

Porque motivo?

Pela deficiencia das colheitas na França, incluindo a Argelia, na Italia, e na Espanha.

Por mais nada. Não foi o consumo, e por consequencia a procura dos vinhos, que aumentou; foi a produção que diminuiu. Mas diminuiu duma fórma perfeitamente transitoria.

Em França, Italia e Espanha, que são os tres mais importantes países vinicolas da Europa, os fortes ataques de *mildiu* e de *oidium* —doenças estas vulgarmente conhecidas por *molestia negra* e *pó branco*—de que as videiras foram vítimas na primavera e no estio ultimos, reduziram a colheita a menos de metade. A França foi a mais flagelada e viu a sua produção descer a um terço da normal.

Para isso em muito pouco concorreu a ocupação de alguns departamentos francêses pelos exercitos alemães, porque, de todas as regiões vinicolas da França, só uma délas, a Champagne, e parcialmente, é que está ainda em poder dos invasores.

Em virtude daquele abaixamento do *quantum* normal da produção, viram-se os negociantes vinicolas francêses forçados a buscar no estrangeiro o vinho preciso para as necessidades do consumo interno e da exportação. E, não podendo a Italia e a Espanha, abastece-los, por a crise vinicola os ter, posto que em menor gráu que á França, tambem atingido, estenderam a sua área de acção até Portugal.

Daí a invasão do nosso país pelos agentes dos negociantes francêses, daí a grande procura dos vinhos nacionaes e a consequente alta dos preços.

O lavrador, com grande gaudio, viu o seu vinho, que nos anos anteriores regulava por 80 centavos o almude, pago a 10, 12, 15 e até 20 centavos.

Ante o inesperado fenomeno, doidejou de alegria e, na sua bronca ignorancia, julgando que, daqui em deante, será sempre assim, desatou desvairadamente a plantar videiras. E, a estas horas, vae por esse país fóra uma febre louca de plantações, que já atingiu o distrito de Aveiro, onde, na Bairrada e até em Eixo, surgem vinhas novas de terrenos de encosta e até de boas terras baixas, proprias para as culturas cerialiferas!

Os resultados deste procedimento, filho da mais absoluta ignorancia, são faceis de prever.

A exportação, em larga escala, de vinhos para a França é um facto transitorio, inteiramente anormal, e unicamente derivado, como já dissémos, da grande quebra que, no ano passado, sofreu a produção do vinho em quasi toda a Europa.

Nada nos garante que egual fenomeno se dê no ano corrente, ou nos seguintes. Ha mesmo todas as probabilidades de que se não dê, visto que é rarissimo o *oidium* e o *mildiu* desenvolverem-se com a mesma assoladora intensidade que em 1915.

Ora todos sabem que, em tempos normaes, a nossa exportação de vinhos para a França é nula. Deste modo, facil é prever as funestas consequencias da febre de plantação.

A' produção vinicola nacional, que já chegava e sobejava para o abastecimento dos mercados internos e externos, virá somar-se uma nova quantidade de vinho, á qual em absoluto faltarão compradores. Os preços, como aconteceu em seguida ás desvairadas plantações promovidas pelo passageiro aumento da exportação, determinado pelas devastações que a *filoxera* causou em França, descerão a um limite que tornará perfeitamente impossivel a cultura remuneradora da videira. Se o vinho se chegou então a vender, nas adegas da Estremadura, a vinte centavos e até a dezeseis o almude, mais baixará désta vez. E então o lavrador, o mesmo inconsciente lavrador, que, se agora lhe forem dizer estas verdades, chamará parvo a quem lh'as dissér, porá as mãos na cabeça e gritará aos governos que lhe acudam, que lhe tirem o vinho das adegas, que lhe arrangem compradores!

As mesmas scenas de ha bem curtos anos, quando da ultima crise vinicola de abundancia, as quaes, por pouco remotas, ainda não devem estar completamente esquecidas.

Ora, sabido que o consumo mundial do vinho cada vez é menor, que dia a dia vâmos sendo batidos pela Italia e pela Hespanha no nosso maior mercado externo—o Brazil—e que a cultura da videira de ano para ano ganha incremento nos paises americanos, é facil de calcular que resposta poderão os governos dar a taes gritos. E então o conspicuo lavrador, que se deu á trabalheira de surribar pinhaes para pôr videiras, que transformou as terras de pão em luxuriantes, mas ruinosas, vinhas, só terá o recurso de voltar a arrancar as videiras, encanto dos seus olhos de ignorante utopista.

Mas não é esse o unico mal que o seu desvairado procedimento lhe acarretará. A ele e á economia nacional, isto é, a todos nós.

E' sabido que Portugal lucta quasi todos os anos com a escassez de milho, trigo e centeio, que tem de importar. Só excepcionalmente a produção cerialifera nacional é suficiente para as necessidades do mercado interno.

Désta fórma, substituir uma cultura de colocação certa—como o milho, ou o trigo—por uma outra que fatalmente acabará por não ter comprador, sería, se não fôsse a circunstancia dirimente da profunda ignorancia, um verdadeiro crime.

Por tudo isto, é um serviço nacional o mostrar ao lavrador, que pouco sabe e ainda menos prevê, o crasso erro economico que pratica entregando-se á plantação de novas vinhas e, *maximé*, substituindo por videiras as culturas cerialiferas.

Dizer-lhe estas coisas, repetír-lh'as até que lhe perfurem a ignorancia bronca, é uma obra benemerita e de utilidade para todos os portuguêses, que não é de vinho que se sustentam, mas, sim, de pão.

Venha de lá isso

Parece que dentro em bréve aparecerão no *orgão dos taberneiros* cartas do mesmo autor daquelas que ultimamente alí teem sido publicadas, nas quais se demonstrará duma maneira perentoria quem é o pae dos filhos do *Palheirinho* e tambem dos do José Eduardo, que, por decôro, ainda se conservam velados, isto para maior realce duma *honrada* familia que se quer tornar célebre, á força, em todos os... *ramos* da actividade humana...

Como não póde ir dum jacto a historia, uma vez por semana, ao menos, enquanto o intemerato orgão quizer dar-lhe um logar nas suas lidas colunas, o festejado publicista desfiará o *conto*, visto ser preciso que toda a gente saiba das repugnantes vergonhas que se cometem e andam cobertas com a capa da virtude.

Vâmos a vêr o que sáe. O *Palheirinho* é que não hade gostar muito que lhe ponham a calva á mostra, mas tenha paciencia. O articulista, que é dos que ajuda o Zé Maria a levantar o nivel, vai falar. Pois venha de lá isso a vêr se se consegue saber duma vez para sempre se o pai dos filhos do *Palheirinho* é aquele que a opinião publica aponta, ou não...

A administração do padre Pato

NA

Junta das Aradas

Continua a construir-se a rezidencia--As digestões do padre Pato em casa da Farruca--A alimentação da sr.ª Gloria e um sacristão com dois nomes

Teem visto os leitores o estendal de mazelas e de traficancias que aqui temos denunciado.

O grande padre Pato—o tal vitima de perseguições, o tal da *honesta e escrupulosa administração!*—fazia daquélas.

Era uma pandega rasgada. Um verdadeiro deboche de orçamentos, contas, verbas, obras e residencias, á custa da Junta.

E quem comeria a areia, os adobos, as madeiras, os carretos, tudo aquilo que o padre—presidente da Junta—dá como pago e que se não pagou?

Julio Catarino, o secretário da Junta?

Estamos certos que não. Julio Catarino não está rico, nem tem dinheiro a juros. Defeitos e grandes, teve-os como muitos.

Mas lá que ele metesse ao bolso o dinheiro que escritura como pago ao neto de 12 anos pelos carretos da madeira e pelas traves e barrotes que ele deu como pagos a José Vidal e de que José Vidal nunca viu um centávo, não acreditamos.

E' certo que um padre dizia ha tres dias, ali, Entre-Pontes: se a coisa é como eles dizem... só se foi o secretário Julio...

Mas ao Julio Catarino, com certeza não se referia o padre, porque isso sería a ultima das perfidias, querer atirar com tantas responsabilidades para cima dos outros, se é que o padre falava do assunto que vimos tratando.

Mas sería o padre Pato o devorador do azeite, da areia, dos adobos, dos carretos, da madeira, etc., etc.?

O padre não tinha bôjo para tanto, embora toda a gente visse que ele ia todos os dias acabar as digestões á venda do Serradeira, da Farruca, do Báu... Mas vomitar areia, adobos, azeite, traves, e barrotes é que ninguem viu.

O padre é *um homem honesto, um cidadão exemplar e pôz a direito a Junta lá da terra!*

Então só se fôsse a sr.ª Gloria.

A sr.ª Gloria do padre Pato, dizem que come bem. Comeria a sr.ª Gloria a areia, os adobos, o azeite, as traves e os carretos?

Que ela tem muito dinheiro a juros, todos sabem. A alimentação de que uza... quem sabe é o padre que lh'a dá. Mas se não foi a sr.ª Gloria? Então só se foi o sacristão. E foi mesmo o sacristão segundo reza a *escrupulosa, honesta, legal e exemplar administração* do padre Pato.

Genial ideia têve o padre Pato. O padre Pato é homem de grandes ideias.

Até nos mandou processar!

Que bom que vai sendo!

Não lhe bastava já aquela de dar como pagos os carretos a um menor de 12 anos, neto do secretário da Junta e a madeira que foi oferecida como paga a José Vidal.

O padre lembra-se do sacristão e tira-se de cuidados.

Vejam esta limpeza:

Livro das contas da Junta das Aradas. Ano de 1907, pag. 14. Rubrica *Pato*.

Pelo mandado n.º 4, a **Manuel Nunes Ferreira Junior—pago reis 23$970.**

Estes 23$970 somados com os 40$000 reis que o padre Pato diz terem sido pagos a José de Almeida Vidal e que este sr. declara nunca ter recebido porque nunca forneceu madeira para a residencia—prefazem a quantia de 71:970, menos 30 reis—30 reis, que generosidade!—que a verba orçada (n.º 4) madeira, traves, etc.

Que os 40$000 reis não foram pagos, já nós provámos.

Agora querem saber o resto?

Este Manuel Nunes Ferreira Junior é nem mais nem menos que o sacristão da igreja em 1907! Conhecido tambem pelo *Fortuninha*.

Manuel Nunes Ferreira Junior nunca vendeu madeira a ninguem e toda a gente na freguezia sabe que ele não tinha madeira para vender para a residencia e que ainda que a tivésse a não podia ter vendido—porque ela era dada por vários paroquianos que toda a gente conhece.

A traficancia, a falsificação são flagrantes, tão flagrantes como as que apontámos anteriormente.

O padre Pato nunca suspeitou que os livros da Junta lhe saíssem da mão e julgava-se então em terreno conquistado. Era traçar á larga. Nas tabernas espalhava-se as maiores aleivosias contra os que o podiam encomodar; nos jornaes o mesmo. E a corôa estava segura na cabeça de sua magestade!

Então—oh! Julio, ponha lá esse dinheiro em nome do sacristão!

E o pobre do sacristão, que teve de saír para a America, naturalmente a pagar juros de 8 % de alguns 20$00 que pediu á sr.ª Gloria!

O que é o mundo!

Mas para que se veja bem o requinte da tranquibernia, da burla e da falsificação apontadas, é preciso saber-se que este Manuel Nunes Ferreira Junior *tem dois nomes diferentes* na escrita da administração do padre Pato, para receber dinheiro.

Manuel Nunes Ferreira Junior, assina-se quasi sempre Manuel Nunes Freire. Manuel Nunes Freire recebe dinheiro como sacristão. Manuel Nunes Ferreira Junior, o mesmo, recebe dinheiro como fornecedor de madeira para a residencia.

Esse o mesmo *Fortuninha*, sacristão do padre Pato, no ano de 1907!

Querem mais ou vamos agora dar uma sóva naqueles célebres *discolos* que perseguem o padre Pato por este os não deixar assaltar a Junta e que mandaram matar uns poucos de homens no arraial de S. Bernardo?

O melhor é irmos... até ao tribunal onde por nossa conta se vai fazer uma barrela á *honrada e escrupulosa administração* do padre Pato!

PELA IMPRENSA

—=—

»A Aguia»

Saíu o n.º 50 desta bem colaborada revista portuense, orgão da Renascença Portuguêsa, que se faz acompanhar do seguinte sumário:

Literatura—Portugal et Brésil, *Maxime Formont*; Aux Voluntaires du Portugal et du Brésil, *J. Ghil*; Le Portugal e la Latinité, *Xavier de Carvalho*; Crussamento e desmembramento de palavras, Retroderivação, *A. A. Cortesão*; Voz debil que passas (versos), *Camilo Pessanha*; A Beira num relampago, *Teixeira de Pascoaes*; Pela Grei (versos) *Antonio Sergio*; Em volta da palavra *Gonzo* (cartas) de *A. J. Gonçalves Guimarães, Leite de Vasconcelos* e *Candido de Figueiredo*; Fantasia á maneira de Whistler, *Carlos Parreira*; A Exaltação do Coroplasta (sonêto) *Alberto Osorio de Castro*. **Arte**—Estudo (ilustr.) de *Vieira Portuense*; Sorrindo (ilustr.) de *Antonio Carneiro*; Kimono (ilustr.) de *C. Oswald*. **Sciencia, filosofia e critica social**—Colonisação, climas e linguas, V) *Afonso Cordeiro*. **Bibliografia** (*O Cêrco do Porto, contado por uma testemunha, o coronel Owen*—Prefacio e notas de Raul Brandão).

Como é sabido, dirigem superiormente *A Aguia* os srs. Teixeira de Pascoaes e Antonio Carneiro que no meio literario e artistico do nosso país teem sabido impôr-se pelas suas admiraveis produções.

BANDO PRECATÓRIO

Rendeu 55$10 em dinheiro o que no domingo a antiga companhia dos Bombeiros Voluntarios, acompanhada da respectiva banda, levou a efeito intra muros da cidade e em beneficio dos pobres das duas freguezias, quantia que dentro em breve será distribuida proporcionalmente ás necessidades de cada um.

Além dos donativos em dinheiro recebeu tambem a benemerita corporação outros em generos, como um quintal de bacalhau do sr. Domingos Leite, 7 arrobas de arroz do sr. Manuel Barreiros de Macêdo, outro quintal de bacalhau do sr. Antonio da Maia e 40 litros de feijão da viuva do sr. Abel da Encarnação.

O sr. Dionisio Coelho da Silva, ofereceu 6 marmitas de folha; seu irmão Eduardo, 2 *bonets*; uma filha do sr. Domingos Rezende, um guarda joias de vidro e o sr. Antonio Ratola, proprietario da *Casa da Costeira*, 3 garrafas de *Agua Caldas Santas*, de que é unico depositario em Aveiro, artigos estes que vão ser vendidos para juntar o produto deles á importancia recolhida e ter egual aplicação.

Quando o bando ía a atravessar a Praça do Peixe deu-se um ligeiro incidente devido á má interpretação que alguns habitantes do bairro déram ao intuito dos bombeiros, pois nenhuma responsabilidade lhes cabe nas questões que entre os pescadores e a autoridade maritima porventura se ventilem.

Mas não o compreendem assim alguns, pelo que apenas lamentâmos e nada mais.

ANIVERSARIOS FUNEBRES

—=—

Sertorio Afonso

Passou na segunda-feira mais um ano sobre o infausto acontecimento que cobriu de luto a familia republicana deste concelho. Sertorio Afonso exalou a 21 de Fevereiro de 1910 o derradeiro suspiro e com ele desapareceu um dos principais organisadores do partido democrata, pois foi dos poucos que trabalharam a valer para que resurgisse da inação, se desenvolvesse e prosperasse.

Na fórma do costume e comemorando a lugubre data, distribuimos pelos pobres deste jornal a quantia de 2$50, que nos enviou o conceituado droguista do Porto, sr. José Ferreira Pinto Junior, esmola que muito lhe agradecemos em nome dos contemplados, que foram os seguintes:

Eduarda Ferreira, $30; Maria Morêna, $50; E. do Egidio, $50; Rosa de Jesus, $50; Maria Inocencia, $20; Dôres Pitarma, $20 e Adelaide Vilaça, $30

* * *

Augusto de Brito

Tambem passa na proxima segunda-feira 28, o 5.º aniversario do falecimento de Augusto de Brito que a morte surpreendeu na plenitude da vida, quando a mocidade lhe sorria acariciando a juventude, as ilusões fagueiras das suas vinte primaveras.

Não se desvaneceu ainda do nosso espirito a suave e dolorosa recordação da sua existencia. E' que para nós será imorredoira, intensamente viva e distinta, como distintas foram as qualidades e sentimentos que adornaram o coração e o carater do malogrado moço.

Parece-nos vê-lo junto de nós, decidido e pronto para a luta e para a propaganda, alegre e firme com o triunfo da causa, com a bandeira da qual ele quiz ir coberto até á ultima morada.

Sobre a sua campa, uma vez mais, desfolhâmos as flôres da saudade que deixou ao despedir-se de nós... para não mais voltar.

EMIGRAÇÃO CLANDESTINA

Acham-se presos nésta cidade dez emigrantes do concelho de Bragança, que o engajador Manuel da Silva Monteiro, proprietario do Hotel Moderno, de Campanhã, para aqui enviou afim de obterem passaportes para o embarque.

A policia procede a averiguações em virtude da desconfiança que ha de não serem os proprios.

Uma confirmação

De como se demonstra que o culto de Aveiro por José Estevam é ficticio

RAZÕES PLAUSIVEIS

Num nu nero comemorativo do aniversário da estatna de José Estevam publicado em 1898 pelo *Jornal de Aveiro*, redigido pelo advogado Jaime Duarte Silva, lê-se:

Meu amigo

Diz-me que vae publicar um numero especial em honra de José Estevam e recomenda-me que subordine o que escrever para esse numero à homenagem prestada ao grande vulto da democracia portuguêsa.

Andou mal em me fazer essa recomendação. Sabe, como toda a gente que me conheco, que sou incapaz de deixar de dizer, em qualquer circunstancia e seja a proposito do que fôr, o que sinto. Quando uma verdade se impõe ao meu espirito não ha nada que m'a faça calar. Tenho essa virtude, que, aliás, bem o sei, não me rende senão a má vontade de todo o mundo, o que, aliás tambem, fica demasiadamente compensado com o prazer que eu sinto em a possuir, o que basta para mim.

Sabe, então, o que lhe digo? Digo-lhe que, se José Estevam ressuscitasse, a primeira coisa que faria era exigir, a todos, que se calassem sobre a sua pessoa.

Esse sentimento de Aveiro é falso, é falsissimo. Esse culto póstumo por José Estevam ainda vem da tal mania das fidalguias, que eu combati nas duas cartas anteriores. Em Aveiro ninguem compreende José Estevam; ninguem lhe segue as tradições, ninguem assimila a sua grande obra, ninguem procura seguir-lhe os exemplos. José Estevam tem um grande nome, figura na historia entre os grandes homens. Aveiro incha de vaidade com isso e mostra essa vaidade a todo o mundo.

Mais nada, meu amigo, mais nada. Eis tudo.

Isso é uma insultuosa vaidade, que ofende a virtude. Isso é uma refinada hipocrisia.

Essa Aveiro, que toca o zabumba—com perdão do meu amigo Francisco da Mauricia—defronte da estatua todos os anos, e que atroa os ares, com foguetorio, no dia 12 de Agosto, corria outra vez o pobre José Estevam á pedra, se outra vez o apanhasse vivo no meio dela. E outra vez o sr. conselheiro Manuel Firmino de Almeida Maia lhe daria uma pilota mestra na urna, se o ingenuo José Estevam caísse na esparrela de voltar a oferecer o seu nome—o seu glorioso nome!—ao sufragio dos seus patricios, dos seus concidadãos.

Sim, senhores. Porcos não comem perolas.

Ora essa! O *Campeão das Provincias* lá publicava um numero especial, em 30 de Julho findo, comemorando o 1.º aniversario da morte do sr. conselheiro Manuel Firmino de Almeida Maia. E sabem qual foi o maior titulo de gloria concedido por esse jornal ao finado conselheiro? O de ter derrotado duas vezes na urna, em Aveiro, o partido de José Estevam.

O *Campeão das Provincias* publica, como outro titulo de gloria, um manifesto eleitoral, chocho, banalissimo, verdadeiro manifesto de candidato rifenho, dirigido por Manuel Firmino, em 1864, aos eleitores de Aveiro, e acrescenta:

> «O govêrno mandou ao seu delegado de confiança aqui que guerreasse por todas as fórmas a eleição do sr. Manuel Firmino. Em torno de Mendes Leite agrupou-se compacto todo o antigo partido de José Estevão, pois

Remedio francês

Em todas as pharmacias ou no deposito geral J. DELIGANT, 16, rua dos Sapateiros, Lisboa. Franco de porte comprando 2 frascos.

apesar disto, e das muitas e justas simpatias que Mendes Leite tinha em Aveiro, o nome do sr. Manuel Firmino triunfou em todas as assembleias do concelho e na de Ilhavo, sendo então necessario que em Vagos se repetissem as irregularidades que em 1861 salvaram a eleição de José Estevam,que houvesse uma nova e enorme chapelada, para que o candidato governamental conseguisse vencer por alguns votos apenas.»

Donde se conclue, meu amigo, que se alguem tem direito a publicar numeros especiais em honra de José Estevam, a possuir estatuas e a atirar foguetes é Vagos e não Aveiro.

. . . .

Vagos, sim. Aveiro, de fórma nenhuma. Aveiro derrotou José Estevam, em 1861, como dizia o *Campeão das Provincias*, e Mendes Leite em 1864. Só faltou acrescentar, ao *Campeão*, que foi uma derrota estrondosa. Aveiro nem teve o cuidado de se salvar na queda. José Estevam não foi vencido em 1861. Foi corrido, o que faz sua diferença.

E quem preferiu Aveiro ao glorioso soldado, ao soberbo tribuno? Outro soldado? Outro tribuno? Não. Preferiu o autor da estrada da Malhada, estrada gloriosa, segundo o sr. dr. Mélo Freitas, *porque retirou do centro da cidade o transporte fétido dos moliços*, o que, na verdade, é uma obra de vulto, que deve figurar na lista de serviços de um grande homem.

O peior é já não haver logar para a estatua do Ventura e do Gramoal, que tambem fizeram disso, e melhor. Mas, ainda assim, eu não creio na tal gloriosa estrada da Malhada. Ha vinte e cinco anos que vou Aveiro e cada vez vejo mais lixo, mais moliço, e cada vez sinto mais mau cheiro na cidade.

. . . .

Ora se as glorias do sr. conselheiro Manuel Firmino de Almeida Maia, glorias apregoadas a todo o pais, estão em ter derrotado José Estevam na urna, em ter feito a estrada da Malhada, que o Cadão tambem faria, em ter substituido os maravilhosos platanos de Santo Antonio pelos cravos tunantes que os tunantes sem serem cravos, tanto admiram, em ter acabado de inutilisar o excelente largo do Rocio com aquela coisa nojenta—mas dos quaes, sendo Bichezas, se poderá dizer o que deles diz Cervantes no D. Quichote de La Mancha: mais ladrões que o Caco e burlões como estudante ou pagem — que para lá está, e a que, pomposamente, se chama bairro, o que o Cadão — honra ao Cadão! — não faria, em ter feito a avenida do cemiterio—e a honra desta nova e gloriosa obra, que deixa na sombra a Avenida da Liberdade em Lisboa, tanto que para o Rosa Araujo ninguem pede estatuas e ningmem o consagra como heroe; e a honra nesta nova e gloriosa obra, dizemos, pertence ao Inácio Rato, que foi quem a sugeriu ao sr. conselheiro, saiba-o o sr. dr. Mélo Freitas—etc., se esses são os méritos, se esses são os titulos, se essas são as glorias do famoso adversario de José Estevam, titulos, méritos e glorias que, segundo o sr. dr. Mélo Freitas e outros, o levam á imortalidade, o que quer o meu amigo que eu lhe diga num numero especial do seu periodico destinado a prestar uma nova homenagem ao grande tribuno?

Mas a cidade, dirá o meu amigo, não é solidaria nas consagrações ao sr. conselheiro Manuel Firmino de Almeida Maia.

Isso é. O *Povo de Aveiro* fez a análise, com documentos autenticos, de caracter oficial até, a análise moral e intelectual do sr. Manuel Firmino. O que se viu depois? Viu-se que os mesmos, que fizeram causa comum com o *Povo de Aveiro*, foram os primeiros a associar-se ás manifestações de glorificação ao falecido conselheiro. Vi-os eu lá metidos, uns que ofereceram pennas de aço ao antigo redactor do *Povo de Aveiro*, outros que haviam dirigido ao falecido, nos papeis da localidade, as mais graves acusações, outros que juravam, em logares publicos, odio de morte ao conselheiro.

Ao passo que José Estevam morria sem um acto de consagração oficial da sua terra, a câmara municipal de Aveiro apressava se a votar, em honra de Manuel Firmino, as mais extraordinarias resoluções.

Era uma câmara *ad hoc*, que não representava a vontade popular?

Pois lá está agora uma, que se ufana de a representar, fazendo parte dela os proprios republicanos, e, dizendo um jornal, orgão da câmara, que algumas dessas resoluções representam uma burla criminosa, nem um só dos vereadores ergueu ainda voz honrada para pedir luz e justiça sôbre esses casos escuros.

. . . .

Aveiro, nas suas classes dirigentes, que o povo é democrata e bom, não se importa com José Estevam pelas suas obras, pelos seus serviços, pelo seu caracter, pelo seu talento. E' pela fidalguia que o seu nome representa.

Rapito: pobre dele, se aparecesse novamente tal qual era. Se da outra vez o correram á pedra, com o sr. conselheiro Manuel Firmino ao colo e com o José Forqueta pela mão, desta vez assavam-no vivo.

Amar a Deus e ao diabo ao mesmo tempo, nem é digno, nem é eficaz. Esse conselheiro Manuel Firmino só valeu nessa terra como instrumento de despeitos, odios e vinganças contra José Estevam. Sem isso não teria aparecido, não teria valido. Ficaria na obscuridade dos moliceiros.

Sobre o valor moral desse conselheiro, não vale a pena falar. O seu valor intelectual, nem se discute. Os melhoramentos materiais que prestou a Aveiro ciframse, segundo os seus melhores panigiristas, na estrada da Malhada, na Avenida do cemiterio, nessa grande obra de literatura e moralidade que se chama o *Campeão das Provincias*, e noutras equivalentes. Borras, quando não são asneiras.

Qual é, então, o facto, o unico facto por onde esse homem se salienta? E' um só; não ha outro: é o ter servido de instrumento contra José Estevam.

Procurem bem, que não ha outro.

A. B.

Raciocinem os nossos leitores bem depois da leitura desta carta e digam-nos se representa ou não uma nova derrota para o nome imaculado de José Estevam o desfecho que acaba de ter a questão dos azulejos.

Representa, representa. E essa derrota é tanto mais vergonhosa quanto é certo terlhe sido infligida pelos que, por todos os cantos, alardeavam o seu liberalismo, quando, no fundo, nunca passaram de servís aduladores.

Como tinha razão o desconhecido colaborador do *Jornal de Aveiro: porcos não comem perolas.*

Resultado duma sindicancia

Deu entrada na Caixa Geral dos Depositos a quantia de 853$86,5 que o sr. Mariano Ludgero Maria da Silva, juiz perpetuo da irmandade do Santissimo, de Esgueira, e marchal democratico da freguesia teve de repôr em virtude da sindicancia que, promovida pela Junta Geral do Distrito, lhe foi feita pelo nosso director.

O sr. Mariano pagou tambem além disso as custas e sêlos do processo que o obrigou ao pagamento da referida importancia.

A PÓDA DAS ARVORES

Sôbre este assunto, foi-nos ontem entregue a seguinte carta:

...Sr. Redactor:

Não sabemos se já reparou na fórma por que êste ano as árvores veem sendo decotadas na Avenida da Revolução e Praça Marquês de Pombal e já o foram no largo fronteiro ao Liceu.

Nós passámos hoje por êstes locais... e tremêmos, mas não sorrimos nem quedámos silenciosos, porque não somos a lágrima celeste, ingénua e luminosa que o poeta genialmente imortalizou.

Aquilo não é um decote, é um crime barbaresco, e somos levados a crêr, que, por dúvida, haverá no país terra onde a dendroclastia se pratique com tamanha persistência e quiçá consciente incoerência.

Vejâmos:

A municipalidade republicana herdou da municipalidade monárquica as árvores acaçapadamente talhadas. Não gostou, por razões várias e aceitáveis, e mandou vir de fóra, no que andou com acêrto, pessoa competente para desfrançar e decotar o arvoredo por fórma tal que ficassem desafrontados os prédios vizinhos e as árvores crescessem e engrossassem, até tam alto quanto possivel, a sua ramada benéfica.

Custou dinheiro a intervenção do profissional estranho ao pessoal *jardineiresco* que a câmara mantêm, profissional que ainda no ano passado vigiou de perto êste ramo de serviços municipais; e o fim conseguira-se. Era manter a técnica do profissional, e ás árvores, algumas das quais de pouca tesoura até precisavam, continuariam a erguer para o ar a sua ramada frondosa e robusta que, entrelaçando-se no alto, daria sombra ao transeunte, abrigo seguro ás Avezinhas e deixaria desafogados os prédios que lhes ficam rentes.

Mas o pessoal *jardineiresco* da câmara não tirou proveito da lição, e, como quer que êste ano não mandassem vir pessoa competente para superintender nesta ordem de trabalhos, entraram os *podões* em livre exercício, fazendo o belo serviço que todos podem admirar e que transforma em inteiro prejuizo para o cofre municipal o dispêndio feito até aqui com o trabalho necessário para dar ás árvores o porte *élancé* que elas já ostentavam, desafogando prédios e permitindo vista mais ampla nas ruas que ladeiam.

Isto, a dois dias da *Festa da Arvore*, é sobremodo educativo...

E quem sabe?... Talvez que a *Festa da Arvore* ainda venha a transformar-se numa festiúncola de lenheiros!...

Se assim vier a sêr, é bom ir preparando a mocidade escolar para o futuro; e, nêste pressupôsto, recebam os beneméritos arboricidas os nossos mais veementes protestos contra a obra de destruição a que andam procedendo.

Se não tivessem assento de baptismo em livros de paróquias portuguêsas, tomá-los-iamos por... encarregados do Kaiser.

Leitor assíduo

Y.

E' o que tem não estar ainda estabelecido um plano e cumprir-se á risca.

A récita academica

Com casa cheia efectuou-se a anunciada récita comemorativa do aniversário do liceu e em que tomaram parte alunos que o frequentam e entre eles as academicas D. Eduarda Miranda e D. Herminia Lima, que tivéram as honras da noite pelo magnifico desempenho dos seus papeis na finissima comedia de Julio Dantas — *Rosas de todo o ano.*

O resto do espectaculo decorreu como sempre decorrem os divertimentos dos rapazes, revelando, no entanto, alguns dos interpretes das outras comedias um certo geito para o palco.

Uma fita politica em Oliveira de Azemeis

BARBOSA DE MAGALHÃES EM FÓGO

Os indecorosos processos de que constantemente se teem servido os Barbosas de Magalhães, envergonham o partido democratico que no seu seio recebeu, sem investigação, esses magnates, e irritam os homens honrados que um dia, levados pelos seus sentimentos patrioticos e pelo seu desinteressado amor á Republica, se dedicaram de alma e coração ao partido que na factorisação dos seus principios mais se aproximava dos seus ideais. E tão cégos teem estado os dirigentes dêsse partido, deixando correr impunemente esse extenso e vergonhoso estendal de mizerias sociais, que ainda não sentiram a falta de elementos de grande envergadura intelectual e moral que tristes e enojados se teem retirado da vida activa da politica portuguêsa, aonde o seu concurso é indispensavel á bôa marcha dos negocios publicos, e aonde a sua presença era o suficiente para deter essa avalanche de esfomeados e gananciosos que sôbre a Fazenda Nacional teem caído qual praga de gafanhotos. A indiferença com que o partido democratico encára esses afastamentos mais parece traduzir um consolador alivio de quem se quér vêr só, para mais á vontade actuar, do que o desânimo de quem luctou até á ultima para fazer do cinco de Outubro uma obra gigantesca para legar aos vindouros nas palmas gloriosas do dever cumprido. E tanto isto me parece a triste realidade que dessa grande legião de homens de alto valôr, que nos tempos da propaganda tanto engrandeciam e nobilitavam o partido republicano, um reduzido numero deles estão actualmente em actividade politica, tendo se os outros escondido no esquecimento da pacatez familiar. E tanto isto me parece a triste realidade, que vejo os dirigentes do partido democratico cercarem com todos os carinhos, com todas as protecções, com todas as amabilidades, os que da Republica fazem estrado e da economia nacional mangedoira, e despresarem, maltratarem e mesmo insultarem esses soldados rasos do velho batalhão republicano, que jámais perdera a energia para faltar aos seus compromissos e juramentos.

Na hora em que as instituições republicanas se sentem ameaçadas, lá estão esses soldados prontos a dar vida para castigar os que da nossa nacionalidade querem fazer uma escrava e da Republica uma prostituta.

E nessa mesma hora se procuram esses que das instituições tudo recebem e dos seus dirigentes são apadrinhados, ás vezes escandalosamente, encontram-se escondidos nos guarda-vestidos das suas mulheres ou irmãs, ou fazem parte da quadrilha que prepara o assalto. Para os velhos, para os sinceros, as promessas enganadoras de uma nova vida; para os novos, para os intrujões e comilões, acalmada a tempestade, passado o perigo, as caricias libidinosas da vespera. Enquanto os pequenos, os soldados, mostram o seu desinteresse, provam o seu civismo, os grandes, os marechais, interteem-se a manter as suas escandalosas clientelas politicas para engorda das suas vaidades e poderios.

Que edificante contraste real!

Mas, se os marechais esquecem os seus deveres, é preciso que os soldados não desanimem, que á volta da bandeira da Republica se unam com o mesmo entusiasmo, com a mesma esperança e com a mesma fé que nos tempos da monarquia, nesses tempos em que os Barbosas de Magalhães eram correligionarios de todos os partidos monarquicos e difamadores dos republicanos. E' indispensavel não desanimar e trabalhar sempre, remexendo sem descanço nessa *firminada* montureira das poucas vergonhas dos barbosaceos, porque ha de chegar o momento em que as suas almas vis hão de dar o ultimo suspiro entre as mãos da desvendada Justiça, dessa Justiça que habita o coração da verdadeira Republica.

Então não terá o Antonio de Bastos Nunes de sofrer o atrevimento das censuras dos ditadores e devassos, nem os republicanos do nosso distrito de sofrer as arremetidas petulantes dos insultadores da memoria de José Estevam.

Quando raiar essa aurora, já o sr. dr. Barbosa de Magalhães, dr. *Impedido* e Companhia não mais virão intrujar a comissão politica, forçando-a a receber a vergonhosa tutela como se de ineptos fôsse formada.

Quando viér a verdadeira Republica, o sr. dr. Barbosa de Magalhães não dirá que o Ministro da Justiça não despacha o indicado pela comissão politica porque, informações oficiais, que pediu, lhe diziam que não despachasse esse indicado, para dias depois o mesmo ministro fazer o referido despacho baseado na informação de um regedor!

Sim, foi isto o que declarou o sr. dr. Barbosa de Magalhães.

Quiz primeiro, por insinuação, convencer a comissão de que os srs. drs. Juiz e Delegado da comarca haviam dado essas informações ao ministro, para depois os factos dizerem que o regedor da vila tinha mais pêso nas suas informações que aqueles seus superiores hierarquicos! Quem era o ministro, por mais incompetente que fôsse, que ia assim pôr em cheque a autoridade das autoridades superiores da comarca?

Só o cérebro de um pantomimeiro sem escrupulos e sem vergonha era capaz de germinar semelhante ideia e de tracejar tão ignobil plano.

Lopes de Oliveira
(Medico)

ABUSO

Isto tem os seus limites e nós sômos sempre contra todos os abusos.

Um engraçado qualquer, aproveitando o carnaval, tem, segundo nos informam, andado por aí mascarado, reproduzindo fielmente as feições do padre Pato, a ponto de se terem dado lamentaveis scenas de confusão.

Bom será que a policia logo que veja o homem lhe deite a luva e o obrigue a tirar a mascara.

Club dos Galitos

A direcção désta conceituada casa de recreio realisa ámanhã uma *soirée* familiar no *Teatro Aveirense*, para a qual teve a amabilidade de nos convidar, gentilêsa que agradecemos.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Festa da Arvore

Realisa-se no proximo domingo, nésta cidade, devendo saír o cortejo, constituido por creanças das escolas, do extinto convento de Jezus pelas 13 e meia horas. Serão plantadas arvores na Praça da Republica e no Largo da Vera-Cruz, completando o programa a alvorada com musica e morteiros, prelecção ás creanças sobre a utilidade da festa e plantação da *Arvore*, pelos respectivos professores e ás 16 horas sessão cinematografica e apresentação do orfeon infantil ultimamente organisado.

Notas mundanas

Consorciou-se ontem com a sr.ª D. Gumercinda da Conceição Gaioso, interessante filha do sr. João Gaioso de Penha Garcia, inspector da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses, ha anos residente em Esgueira, o nosso conterraneo e amigo, sr. Antonio Henriques Maximo Junior, um dos rapazes mais simpaticos do meio aveirense.

O acto solêne do registo têve logar em casa dos pais da noiva, servindo de padrinhos por parte desta seu tio, sr. Antonio Gaioso de Penha Garcia e sua avó, sr.ª D. Gumercinda Garcia e por parte do noivo sua irmã, D. Maria do Coração Maximo e o sr. Manuel Razoilo Sacramento.

A cerimonia revestiu um caracter muito intimo, sendo no final servido um delicadissimo copo de agua aos que a éla assistiram e os noivos muito brindados.

Infindas venturas lhes desejâmos.

✠ *Chegou de Manáus, infelizmente com a saude abalada, tendo de recolher á cama, o nosso presado amigo e patricio, sr. João Simões Amaro, a quem cumprimentâmos, fazendo os mais ardentes votos pelas suas rapidas melhoras.*

✠ *Quasi restabelecido dos seus encomodos já regressou a Espinho, o sr. Armando Lapa.*

✠ *Entrou em franca convalescença, o considerado clinico, sr. dr. Francisco Soares, noticia que dâmos com intima satisfação.*

✠ *Vimos nesta cidade onde veio com pequena demora, o sr. João de Oliveira Fráde, professor em Fafe.*

✠ *Chega ámanhã á sua casa da Costa do Valado, vindo de Lisboa, o sr. José Marques da Costa.*

O padre das bombas

Já se sabe, é o padre Pato, alí de Aradas. Na ultima semana estoiraram-lhe mais duas bombas de dinamite á porta, postas certamente pelas mesmas mãos criminosas que de ha 7 anos a esta parte, jurando desfazer aos bocados o corpo do respeitavel sacerdote, lhe teem atirado um bom milheiro de petrardos.

O distinto alveitar do Bomsucesso, que costuma correr a casa do padre Pato, após as explosões, parece que verificou não ter havido perigo de maior.

Uma bomba que não rebentou a tempo, foi de muito boa vontade mostrada dentro dum caixote pela familia do reverendo, já muito acostumado, segundo parece, com tão perigosos aparelhos.

Os dois homens que noite e dia guardam a casa do ilustre dinamitado, não poderam descobrir os criminosos.

Isto são as informações trazidas pelas lavadeiras lá do logar. Para o entrudo esperam-se novos atentados.

Um postal

Escrevem-nos com data de 22:

O José de Pinho conservador do Museu! Continúo ou porteiro do governo civil. Que lhe parece?! Tal qual como na monarquia.

Que habilitações tem o homem para um Muzeu de arte? Isto che-

Dentista

Candido Dias Soares

Cirurgião-dentista pela Escola Medica do Porto, tambem conhecido por "Candido Milheiro„ ou "sobrinho do Milheiro„

Abriu o seu consultorio permanentemente desde o dia 1 de fevereiro do corrente ano na rua dos Mercadores, n.º 8—1.º

AVEIRO

gou a um estado que repugna. E quem dá as cartas? Os das côres azul e branca. V., pela sua intransigencia, hade ficar só, porque quem dá é pai... E V. dá só pancadaria de penna e canêta. Cavalo marinho é o que tudo está a pedir.

Conservador de um Muzeu de arte um homem que não conhece o que é arte, que não sabe absolutamente nada das diferentes transformações porque ela tem passado! Como a póde ele classificar? Ah! Joaquim Pereira! Como tu, com a tua rudeza, déstes ás leis que se não compreendem, uma significação bem apropriada!

V. diga alguma cousa. Dos seus colegas nada se espera. Tambem são arranjistas.

Um desiludido

Que quer o *desiludido* que nós digamos? Que razão tinham os monarquicos quando apregoavam que o que os republicanos queriam era comer? Poupe-nos, poupe-nos por enquanto de dizer mais verdades do que aquelas que já temos dito. O Zé de Pinho conservador do Muzeu está bem. Como bem está tudo, afinal, que nesta terra os democraticos veem fazendo por indicação ou tacito consentimento das *agencias rubras de socorro mutuo* onde só se trata de distribuir fatias aos afilhados e nada mais.

Tambem se assim não fôra concerteza que os republicanos não abundavam como abundam...

Nem os republicanos, nem os democraticos, especialmente.

Necrologia

Tendo adoecido subitamente no domingo, faleceu dois dias depois nesta cidade, onde se achava a educar no Colegio Moderno, a menina Maria do Carmo Pereira, de 11 anos, natural da Borralha, para onde foi transportado o cadaver depois de ter estado exposto na igreja das Carmelitas e de cumpridas todas as formalidades legais.

Era filha unica do sr. Manuel Pereira Cardoso, que assim sofreu um dos maiores desgostos porque tem passado.

=Em Verdemilho faleceu no dia 15 do corrente, com 86 anos de edade, o sr. Joaquim Gonçalves de Oliveira (Lobo) que ali manteve por espaço de muitos anos um largo negocio de vinhos.

Os nossos pêsames ás familias enlutadas.

RIO DE JANEIRO PROCURATÓRIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma, n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se—com todo o zelo e mediante comissões modicas — de receber e fazer **pronta remessa** de rendas de casas, juros, dividendos e amortisações de quaesquer titulos, pagaveis naquela capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalisa-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.ª e João Reynaldo, Coutinho & C.ª; em Portugal: nesta cidade com os srs. José Antunes de Azevedo, Sucessores; em Anadia, com o sr. Justino de Sampaio Alegre; em Mira, com o sr. Augusto Ribeiro Dias e em Espinho, com os srs. Brandão Gomes & C.ª.

VINHOS DO PORTO

Experimentem os da casa

Rodrigues Pinho

—DE—

VILA NOVA DE GAIA

(Porto)

Pois são dos melhores que ha

O fino **Moscatel velho** ou o vinho superior

Regenerante

Recenseamento eleitoral

As comissões politicas paroquiaes do Partido Republicano Português, da Vera-Cruz e Gloria, convidam todos os cidadãos correligionarios ainda não inscritos no recenseamento eleitoral a faze-lo até ao fim do mez corrente.

Prestam-se esclarecimentos nas farmacias dos srs. João dos Reis, Henrique Brito, sapataria do sr. José Migueis, tabacaria do sr. Bernardo Torres e mercearia do sr. Ricardo da Cruz Bento.

Dentista Milheiro

(DE ESPINHO)

Vem dar consultas a Aveiro ás terças e sextas-feiras, das oito horas ao meio dia, no consultorio do dentista Teofilo Reis, á Rua Direita.

AGUA

Caldas Santas

DE

Carvalhelhos -- Traz-os-Montes

Infalivel nas molestias de pele: **ulceras, eczemas, pseriasis, etc.**, que não admite confrontos.

Curas maravilhosas.

Efeitos assombrosos nas manifestações artriticas: **rins, bexiga, intestinos, figado e estomago.**

Grande dissolvente do acido urico. Magnifica agua de mesa.

Vende-se em caixas, garrafas de litro e quarto, garrafões e ao copo.

Depositario unico no distrito

Casa da Costeira

Souto Ratola—AVEIRO

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 2

No domingo passado houve barulho na praça de Albergaria, por causa do preço do milho. Os lavradores queriam vende-lo a um escudo, e mais. O povo não se conformou. Foi chamado o sr. administrador do concelho para evitar desordens.

Torna-se necessario que o Govêrno abasteça os mercados de milho, que é o principal alimento das classes pobres. E' preciso evitar o levantamento do povo, que não póde pagar o milho por tal preço. Nesta freguezia ha muito milho, e algum tem sido vendido para fóra do concelho a uns açambarcadores. Faça-se um arrolamento, e vêr-se-á que o milho aqui produzido chegará para o consumo do povo desta paroquia; mas marquem um preço que não prejudique o lavrador e que não deixe os pobres sem camisa.

=Faleceu nesta freguezia o sr. Francisco Corrêa Martins, proprietario.

=E' agora a maior força dos trabalhos no amanho das vinhas e sementeira das batatas. Ha falta de trabalhadores.

C.

Loterias

12:000$00

A 25 de Fevereiro
A 11 e 25 de Março

20:000$00

A 18 de Fevereiro
A 3 e 18 de Março

Nas loterias de 12:000$00: Bilhetes a 6$60, vigésimos a $34.

Nas loterias de 20:000$00: Biletes a 11$00, vigéssimos a $55; Cautélas de $24, $12 e $06 em todas as loterias e de todos os cambistas.

Pedidos á *Casa da Costeira*

Souto Ratola—Aveiro

CASA DE PENHORES

DE

Artur Lobo & C.ª

Previnem-se os srs. mutuarios desta casa, sita na Rua do Passeio, 19, afim de reformarem os seus penhores até 20 de Março proximo, para não serem vendidos.

Aveiro, 22 de Fevereiro de 1916.

Direcção das Obras Publicas

DO

DISTRITO DE AVEIRO

2.ª SECÇÃO DE CONSTRUCÇÃO

Estrada districtal n.º 77 de Santo Amaro ás proximidades do rio Caima

Lanço do Pinheiro ao rio Caima

FAZ-SE publico que no dia 15 de março proximo, pelas 12 horas do dia, na Administração do Concelho de Oliveira de Azemeis, perante a commissão presidida pelo respectivo Administrador do Concelho, se recebem propostas em carta fechada, para a execução de uma empreitada de terraplenagens, obras de arte, muro de suporte e serventias entre perfis 136 e 212, na extensão de 1506^m,58 e pavimento completo entre perfis 161 e 212, na extensão de 1079^m,92.

Base de licitação . . . . 4.070$00
Deposito provisorio . . . . 101$75

Os desênhos, medições e condições especiaes da arrematação estão patentes na Secretaría da Direcção, em Aveiro, e na da 2.ª secção de construcção, em Espinho, todos os dias uteis, desde as 10 até ás 16 horas, e no dia da arrematação na Secretaría da Administração do Concelho de Oliveira de Azemeis.

As guias para efectuar os depositos provisorios são passadas na Secretaría da Direcção, em Aveiro, ou na da 2.ª secção de construcção, em Espinho, até ás 15 horas do dia 14 de Março proximo.

A importancia do deposito definitivo é de 5 0|0 do preço da adjudicação.

Espinho e secretaría da 2.ª secção de construcção da Direcção das Obras Publicas de Aveiro, 24 de Fevereiro de 1916.

O Condutor chefe de secção,

Evaristo de Moraes Ferreira

EDITAL

Regimento de infanteria n.º 24

O Conselho Administrativo deste Regimento faz publico que no dia vinte e cinco de Março, pelas 12 horas, na sala das sessões do mesmo Conselho, se realizará o concurso para a adjudicação da empreitada de construção duma placa de cimento armado sobre vigas do mesmo cimento armado na ala poente do edificio do ex-convento de Santo Antonio, em Aveiro. As condições para o concurso e as da empreitada poderão ser examinadas na Secretaría do mesmo Conselho Administrativo, desde as 11 até ás 16 horas dos dias anteriores ao do concurso, a partir de hoje. O deposito provisorio para ser admitido como concorrente é o de vinte e oito escudos e quinze centavos (28$15). O deposito definitivo para obter a adjudicação da empreitada é o de cinco por cento (5 °|o) da importância da mesma adjudicação. A base da licitação é de 1.126$06.

As propostas para esta arrematação devem ser entregues na Secretaría deste Conselho Administrativo até ás doze horas do ultimo dia util, anterior ao do concurso.

Quartel em Aveiro, 18 de Fevereiro de 1916.

O Secretário,

Antonio Ernesto de Almeida

Alferes

SELOS PARA COLECÇÃO A PESO

Grande variedade de selos para colecção, de Portugal, colonias e estrangeiros, a peso.

Kilo	500
1|2 kilo	300
5 kilos	2$000

Albuns, folhas, charneiras, catalogos de 1916, selos em folhas, etc., etc., tudo á venda na

CASA FILATELICA

de

Baptista Moreira

Rua Direita — **Aveiro**

Urgente

CASA ou parte de casa mobilada, pretende-se, com ou sem pensão, para casal.

Carta á redacção com as iniciaes J. A.

Biciclete

Vende-se em bom estado

Nesta redacção se diz com quem se trata.

VENDEM-SE uma terra lavradia, murada, com casa e eira, pôço com nóra, e ramada, proximo da estação de Aveiro.

Para tratar, com Evaristo Ferreira, em Espinho.

Charrette

de 4 rodas, muito leve, constructor *Laturette*. Arreios de verniz e couro inglez, tudo em estado de novo. Vende-se. Falar na *Garage Trindade, Filhos*—AVEIRO.

Nova fabrica de telha em Aveiro

A Ceramica Aveirense

=DE=

JOÃO PEREIRA CAMPOS

SITA NO CANAL DE S. ROQUE

O proprietario desta fabrica participa aos srs. mestres de obras, revendedores e ao publico em geral, que se encontra habilitado a satisfazer qualquer pedido de telha, tipo Marselha, e doutros, telhões, tijolos vermelhos e refractarios, ladrilhos, azulejos, tubos de grez, cimentos, etc., etc., e pede para que não façam as suas compras sem uma prévia visita á sua fabrica para avaliarem a qualidade dos seus produtos.

Aos srs. mestres de obras e revendedores, descontos convencionaes. Manda amostras e preços a quem os requisitar.

Oficina de serralheria

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

—DE—

RICARDO MENDES DA COSTA

Rua da Corredoura

AVEIRO

N'esta officina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Diluidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das aguas.

OFICINA DE CALÇADO E DEPOSITO DE CABEDAES

DE

José Migueis Picadó Junior

Nêste estabelecimento encontrarão sempre os seus colégas um colossal sortido de sóla e cabedaes de todas as qualidades, que vende por preços excessivamente módicos em virtude das condições vantajosas porque obtem aquêles artigos.

Executa-se toda a qualidade de calçado com a maior prontidão e aperfeiçoamento.

Rua 5 de Outubro

AVEIRO

Hotel e Restaurant Campestre

Oliveira do Bairro

E' o unico que satisfaz com rigor as exigencias da sua clientela

COSINHA DE PRIMEIRA ORDEM

COMODIDADES EXPLENDIDAS

Especialidade em leitão assado